

EDITORIAL

A ordem social e cultural contemporânea estabelece uma visão de mundo que define as formas como o homem interage com a natureza e transforma o ambiente. A intensidade e a velocidade desta interação/transformação têm nos levado a experimentar eventos climáticos extremos cada vez mais frequentes e injustiças socioambientais perversas. Ondas de calor exacerbado, chuvas intensas, nevascas, incêndios, enxurradas e deslizamentos de terras em proporções e recorrências nunca vistas anteriormente exigem uma transformação de visão de mundo e, conseqüentemente, de práticas socioambientais.

As ocorrências dos eventos climáticos são extremamente desiguais e deixam o cenário mais complexo. Os grupos mais ameaçados e afetados são as populações mais pobres e em vulnerabilidade social, possuindo menos condições de se precaver e muita dificuldade em superar os danos causados por esses eventos. Conseqüentemente, eles estão mais suscetíveis a resultados catastróficos (mortes, perdas materiais e imateriais) e possuem extrema dependência dos governos locais para se reestabelecer.

A urbanização acelerada em um contexto persistente de desigualdade socioespacial nos leva a condições específicas nas cidades e nos convoca a reflexões acerca da interação homem-natureza. Na perspectiva urbana, os elementos da natureza contribuem para a qualificação ambiental e social da cidade sob diversos modos, gerando benefícios quanto à amenização de temperatura, redução da poluição atmosférica e ruídos, contribuição com a drenagem pluvial, redução de enchentes e deslizamentos de terra, proporcionando, também, melhoria do bem-estar, o convívio social, o equilíbrio psicológico, contemplação da paisagem natural, diminuição do stress, entre outros.

Os estudos que discutem os benefícios e os modos de implementação e manutenção da natureza nas cidades são de extrema relevância, sobretudo para a incorporação da agenda verde no planejamento municipal e nas políticas públicas. Sendo assim, esta edição da Revista Desafios é composta por artigos acerca do planejamento da paisagem, planejamento urbano e soluções baseadas nos elementos da natureza e sistemas ecológicos, explorando abordagens sobre gestão, planos e projetos urbanísticos e paisagísticos.

Os artigos nasceram nas reflexões ocorridas no 17º Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil

(ENEPEA) sob o tema ‘inovar com e por meio da paisagem em ensino, pesquisa e extensão’, com 30 anos de trajetória. Este evento foi um convite à reflexão, ao aprendizado e às trocas de conhecimento na busca de atualizações, aprofundamentos e avanços de saberes em suas esferas de ensino, pesquisa e extensão, que repercutem em teorias e na prática profissional do arquiteto, urbanista e paisagista.

A paisagem é transformada e, ao mesmo tempo, instrumento potencial de transformação. Os estudos sobre a paisagem é inter e transdisciplinar e vem ganhando novas abordagens e perspectivas com integração de saberes de várias áreas do conhecimento, de caráter técnico e social. Pensar, portanto, em inovação, neste contexto, necessita de um esforço para incorporar os saberes culturais, as perspectivas sociais e os olhares socioambientais plurais aos avanços tecnológicos.

O Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (IPCC) tem apontado, em suas últimas versões, a urgência na adoção de práticas adaptativas em direção a cidades mais resilientes e que promovam a proteção da população e da natureza. Os artigos apresentados nesta edição colaboram para a produção do conhecimento visando cooperar com as tomadas de decisões em direção às melhores práticas ambientais urbanas.

Lucimara Albieri

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP

Professora e Pesquisadora no Curso de Arquitetura e Urbanismo e no
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente da Universidade
Federal do Tocantins

Líder do GEDUR – Grupo de Estudos em Desenvolvimento Urbano e Regional